

QUANDO O FUNDO DO POÇO É (AINDA) MAIS PROFUNDO: SOBRE A IMPORTÂNCIA DAS CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS EM TEMPOS DE PANDEMIA E NEGACIONISMOS

Jonas Alves da Silva Juniorⁱ (UFRRJ)
Dilton Ribeiro Couto Juniorⁱⁱ (UERJ)
Liliana Rodriguesⁱⁱⁱ (Uporto)

Nessa escassez econômica em tempos de pandemia da COVID-19, vem sendo colocada em xeque a relevância do campo das Ciências Humanas e Sociais, como se fosse uma espécie de “luxo descartável” (CARRARA, 2020). bell hooks, feminista negra estadunidense, há décadas já dizia que em uma “sociedade fundamentalmente anti-intelectual, é difícil para os intelectuais comprometidos e preocupados com mudanças sociais radicais afirmar sempre que o trabalho que fazemos tem impacto significativo” (hooks, 1995, p. 464). Questionamos a ideia de que nosso trabalho na universidade seja um “luxo descartável”, ainda mais quando um grande esforço investigativo vem sendo (re)direcionado para acompanhar os impactos sociais da COVID-19 em todas as esferas da sociedade. Nossa preocupação com as necessidades das pessoas frente às drásticas mudanças sociais de 2020 nos mobiliza a colocar em prática um sentimento de solidariedade e ética nas pesquisas que vimos conduzindo no tempo presente.

Além disso, não podemos ignorar que pesquisar no campo das Ciências Humanas e Sociais em tempos de profundas incertezas implica também o desafio de analisar cuidadosamente os fenômenos sociais que estão diante de nós. Questionar as aparentes obviedades é uma das premissas que vimos defendendo em nossos trabalhos de pesquisa na universidade. Por isso concordamos com Santos (2020, s/p), quando discorre sobre o contexto da COVID-19 e alerta para os perigos de se construir um olhar investigativo que crie “tanta transparência que nos impedisse de ler e muito menos reescrever o que fôssemos registrando no ecrã ou no papel”.

A pandemia do novo coronavírus (SARS-CoV-2) foi decretada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 2020. Com isso, “os aeroportos foram fechados, os transportes públicos pararam, as viagens e os passeios foram suspensos. As atividades escolares tiveram que ser bruscamente interrompidas” (COUTO; COUTO; CRUZ, 2020, p. 206). O fechamento de escolas em todo mundo fez com que cerca de 1,5 bilhão de estudantes ficassem sem aulas presenciais em 160 países. Face a esta situação, muitas escolas têm desenvolvido novas metodologias, com uso de tecnologias digitais, e também (re)discutido seu papel social em



meio à crise instaurada. Não somente as instituições escolares, mas as próprias universidades têm buscado alternativas para promover novas aprendizagens-ensinamentos entre professoras/es e estudantes.

A “liberação da palavra”, um dos princípios da cibercultura, fornece a possibilidade de que qualquer internauta produza e compartilhe informações dos mais variados formatos para pessoas de todas as localidades do mundo (LE MOS; LÉVY, 2010). Na quarentena, “outras janelas são as muitas telas que habitam nossas casas e corpos. Nossas janelas são os diversos dispositivos eletrônicos por meio dos quais construímos a nós mesmos, administramos nossa presença num mundo globalizado” (COUTO; COUTO; CRUZ, 2020, p. 6). Com isso, temos tido a oportunidade de (co)criar ideais com outras pessoas geograficamente dispersas, ávidas por participar de novas dinâmicas comunicacionais interativas que evidenciam o potencial da internet como um espaço fértil na constituição de novos aprendizados-ensinamentos (SANTOS; SANTOS; COUTO JUNIOR, 2020).

Além das práticas educativas construídas em salas de aula *online*, também não podemos desconsiderar o quanto a pandemia da COVID-19 trouxe impactos significativos para o percurso metodológico de pesquisas que buscam interagir com outros seres humanos. É inegável que “as transformações sociais cada vez mais mediadas por tecnologias digitais em rede [...] exigem de nós o desafio de criar novas estratégias teórico-metodológicas capazes de nos auxiliar, em tempos de cibercultura, a pensar a produção de conhecimento para além da interação face a face” (COUTO JUNIOR; AMARO; TEIXEIRA; RUANI, 2020, p. 117). A pandemia vem se constituindo como um convite para que possamos redesenhar/(re)inventar nossos percursos metodológicos, fazendo da internet uma importante aliada na troca de experiências com outros sujeitos.

A educação, que não se restringe ao espaço físico da sala de aula, vem sendo muito discutida recentemente porque há uma demanda por novas estratégias formativas quando os sujeitos participantes dos processos educacionais encontram-se geograficamente dispersos. Porém, a desigualdade social impede que todas as pessoas tenham acesso ao ensino a distância. Aliado a isso, o momento histórico-político-cultural em que estamos envolvidos atualmente no Brasil (e em outros países), sobretudo a partir do golpe sofrido pela presidenta Dilma Rousseff em 2016, tem agravado o quadro. Políticas de morte e ódio – necropolítica – atacam sistematicamente a Educação, a Arte e a Ciência para implementar ações que ferem os princípios democráticos do país. Dito isso, é preciso ainda muita atenção para a forma com a qual muitos políticos percebem na pandemia a oportunidade para desenvolver novas

artimanhas que incluem “perdas de direitos sociais, profissionais e pessoais, que comprometem a cidadania e a democracia” (COUTO; COUTO; CRUZ, 2020, p. 212).

No Brasil, experienciamos “uma pandemia em meio a um pandemônio” (CARRARA, 2020, p. 1). Argumentamos que a SAR-CoV-2 é menos letal do que a propaganda de medicamentos aparentemente milagrosos contra a COVID-19 como a hidroxicloroquina, defendidos pelo próprio Presidente e suas/seus apoiadoras/es. A banalização da morte pelo Governo Federal brasileiro é parte da necropolítica em tempos de COVID-19 (KOHAN, 2020); um governo que minimiza os efeitos de uma doença que já matou mais de 150 mil pessoas em todo Brasil (e o número de óbitos não para de subir). Enquanto houver pessoas que acreditam estar imunizadas pela mera ingestão de substâncias não recomendadas pela própria OMS, o novo coronavírus continuará circulando e colocando em risco a vida de toda população. O próprio desrespeito às regras do chamado isolamento social (não somente no Brasil) é fruto de tempos de negacionismos. A proliferação de *fake news* alimenta o poder dos discursos negacionistas em meio à pandemia, cujo foco também tem sido insistir em questionar a credibilidade dos trabalhos científicos produzidos na universidade ao considerá-los como “mera opinião” das/os especialistas.

Esses discursos negacionistas, cujas bases fundantes são amplamente difundidas por meio de redes sociais *online*, colocam em prática ações desalinhadas com os verdadeiros problemas de nosso tempo. Neste contexto, cabe lembrar as palavras certeiras de Santos (2002, s/p, grifos do autor): “como as democracias estão cada vez mais vulneráveis às *fake news*, teremos de imaginar soluções democráticas assentes na democracia participativa ao nível dos bairros e das comunidades e na educação cívica orientada para a solidariedade e cooperação”. Como profissionais do campo educacional, novamente apostamos na escola e nas práticas formativas universitárias para promover ações eficazes no combate às *fake news* e criar amplas estratégias contra discursos que desqualificam a ciência. O fundo do poço vem se mostrando cada vez mais profundo, no entanto, somos de certa forma otimistas e insistimos na importância das Ciências humanas e Sociais em tempos de pandemia e negacionismos com o objetivo de combater a onda conservadora anti-democrática e anti-ciência que por alguns anos vem atingindo o Brasil e desqualificando o trabalho de intelectuais implicadas/os com a pesquisa e formação humana.

No contexto dessa onda conservadora, não poderíamos deixar de mencionar alguns episódios que ganharam visibilidade no Brasil, como a perseguição da feminista estadunidense Judith Butler no aeroporto de Congonhas (São Paulo/SP) alguns dias depois de ter proferido uma palestra no SESC-Pompeia no evento “Os fins da democracia”. No próprio

dia da palestra, manifestantes também reuniram-se do lado de fora, onde “queimaram uma figura de bruxa com seu rosto” (MISKOLCI; PEREIRA, 2018, e185300). Questões que ainda merecem (novas) respostas e que revelam a faceta racista, sexista e heteronormativa do Brasil: “o que se passava em nosso país a ponto de grupos organizarem protestos e um abaixo-assinado contra a presença de Butler aqui? Qual o mal que grupos conservadores projetavam em uma das maiores intelectuais de nosso tempo?” (MISKOLCI; PEREIRA, 2018, e185300).

No campo da literatura, cabe também destacar a ação do prefeito da cidade do Rio de Janeiro, que autorizou o recolhimento de livros com temáticas LGBT na Bienal do Livro de 2019 após tomar conhecimento de um beijo entre dois rapazes no romance “Vingadores, a cruzada das crianças” (Marvel). A leitura “tarja-preta”, ou seja, o material literário que sofre com as censuras dos grupos conservadores evidencia o regime cisheteronormativo de nosso tempo, com a tentativa incessante de silenciar determinados corpos, vozes e subjetividades (VELLOSO, 2020). Eis um dos aprendizados que vimos adquirindo em defesa da democracia no país: precisamos continuar fortalecendo ainda mais “nossas lutas na constituição de mobilizações políticas capazes de interligar os esforços coletivos em prol de alianças mais potentes que nos confirmam a capacidade de ampliar nossas margens de liberdade” (BRITO; COUTO JUNIOR, 2019, p. 300). Em tempos de quarentena, nossas mobilizações políticas em prol da democracia precisam continuar, embora hoje tenhamos novos desafios porque a estratégia de ocupar as ruas tem sido uma opção um tanto inviável na pandemia da COVID-19 diante do perigo de colocarmos em risco a vida das/os próprias/os manifestantes.

Enquanto a cibercultura vem permitindo a uma parte da população enfrentar a pandemia de forma criativa, fazendo as ideias circularem, uma outra parte considerável da população mundial sofre com as graves consequências de uma doença que vem atingindo com mais força as pessoas dos estratos socioeconômicos menos favorecidos (COUTO; COUTO; CRUZ, 2020). De acordo com Kohan (2020, p. 4), “hoje morre uma pessoa por minuto pelo vírus no Brasil. Dolorosamente, quando este texto estiver sendo lido, os números da morte serão ainda mais impactantes. E, em uma sociedade racista e sexista, já podemos antecipar quais serão os principais alvos da necropolítica”. Esse perverso neo-darwinismo social praticado pelas políticas de morte brasileiras coloca em perigo também todos os sujeitos que fazem parte do chamado grupo de risco (pessoas mais velhas e/ou com problemas de saúde) (CARRARA, 2020).

Em meio a uma crise sanitária e política sem precedentes, esta Edição Especial da Revista Interinstitucional Artes de Educar, intitulada “Educação e Democracia em Tempos de Pandemia”, se debruça sobre as práticas sociais em tempos de distanciamento físico que

experienciamos hoje, buscando analisar os impactos sociais da COVID-19, principalmente no cenário escolar. Algumas das problematizações presentes na Edição incluem: quais caminhos poderemos trilhar (e vimos trilhando) na pandemia com vista à transformação da escola e da universidade? Que viés de educação podemos pensar quando se analisa a escola e a universidade em meio às diretrizes fixadas pelos órgãos de saúde? Quais conexões podem ser articuladas entre processos educativos, democracia e cenário de saúde? Ademais, quais estratégias os sujeitos vêm encontrando na internet para colocar em prática experiências formativas mediadas pelo digital em rede?

Essas e outras questões são debatidas ao longo de 25 textos resultantes de trabalhos teóricos e empíricos de diversas localidades do país e que contribuem para a reflexão dos processos educativos na pandemia. As reflexões apresentadas fornecem um pontapé inicial importante para analisarmos alguns desses processos cotidianos, além de fornecerem um debate importante que pode auxiliar na reflexão sobre quais futuros possíveis almejamos construir juntas/os. Novamente fazemos nossas as palavras de Santos (2020, s/p), para quem argumenta que “o regresso à ‘normalidade’ não será igualmente fácil para todos. Quando se reconstituirão os rendimentos anteriores? Estarão os empregos e os salários à espera e à disposição? Quando se recuperarão os atrasos na educação e nas carreiras?”. Essas questões evidenciam os desafios a serem enfrentados no tempo do porvir e que precisarão continuar sendo foco de análise dos estudos a serem desenvolvidos no campo das Ciências Humanas e Sociais. A incerteza de nosso futuro nos traz como a única certeza o fato de que precisamos começar a pensá-lo e a construí-lo hoje.

O texto que inaugura a Edição é de autoria de Marcelo Ribeiro Sales e de Diogo Silva do Nascimento e se intitula **“Educação é um direito de todos? Os desafios da prática docente nas periferias em tempos de pandemia”**. Este trabalho teve como objetivo central e a partir de relatos de experiências de professores/as do ensino público brasileiro explicitar os desafios enfrentados na atividade docente em tempos de pandemia. Além de apresentarem um conjunto de desafios do ensino a distância, especialmente da escassez de capacitação de professores/as para tecnologias de informação, problematizam a dificuldade de acesso de muitos/as estudantes à própria educação a partir desta modalidade de ensino. Com isso, os autores questionam se, em tempos de pandemia, a educação tem sido um direito de todos/as.

O segundo texto intitulado **“Entre silêncios e virtualidades surgem encontros: costurando o cuidado de si e a educação do sensível”** de autoria de Maria Antônia Sattamini de Souza e de Vitória da Silva Bemvenuto convida-nos a uma reflexão sobre as

vivências na pandemia que as autoras cunharam de “vírus do silêncio”. Para tal revisitam as propostas do Cuidado de Si de Michel Foucault e a Educação do Sensível de Duarte Jr.

O terceiro texto, intitulado **“A experiência transformadora da Educação no contexto de pandemia”**, de Neide Cavalcante Guedes e Tiago Pereira Gomes, analisa a desigualdade social, o domínio das tecnologias e a presença da igualdade e da equidade na escola e na academia. A autora e o autor reforçam o quanto a pandemia expõe as condições efetivas das instituições sociais da saúde e da educação.

O quarto texto, intitulado **“Luz, câmara, (desumaniz)ação: entre o pedagógico e a manutenção da vida, o que é ser professor/a em tempos de pandemia?”**, de Erica Pereira dos Santos Nascimento e Rita de Cassia de Oliveira e Silva, problematiza os sentidos da docência em tempos de pandemia através do discurso de professores/as que desenvolvem atividades pedagógicas à distância.

O quinto trabalho, intitulado **“O direito à Educação no contexto da pandemia (Covid-19) no Brasil: projetos de formação em disputa”** e de autoria de Vanessa Campos de Lara Jakimiu, apresenta um quadro teórico sobre os desdobramentos da pandemia no que concerne ao direito à Educação no Brasil. Deste quadro teórico a autora conclui que as medidas governamentais sofreram um retrocesso em plena pandemia.

O sexto trabalho, de autoria de Thiago Colmenero Cunha, Isabel Scrivano e Erick da Silva Vieira, intitulado **“Educação Básica em tempos de pandemia: padronizada, remota, domiciliar e desigual”**, trata de como as estratégias de ensino à distância implementadas nas redes Estadual e Municipal de ensino do Rio de Janeiro em plena pandemia funcionaram como instrumentos de agudização das desigualdade sociais e educacionais.

O sétimo texto, intitulado **“O reverso da moeda: *prácticas* nas redes educativas pouco democráticas em tempos de pandemia”**, de Marcelo Machado, Maria Morais e Noale Toja, discute as implicações desenvolvidas nos novos quotidianos do ensino à distância em tempos de pandemia. O autor e as autoras referem também o “outro lado da moeda” e propõem-se compreender as *prácticas* usadas em tempo de pandemia, onde a “democratização do ensino se viu profundamente afetada”.

O oitavo texto intitulado **“A pandemia da Covid-19 como vitrine da precarização do trabalho docente e da Educação: desafios para o ensino em uma democracia fragilizada”** de autoria de Fernanda Fochi Nogueira Insfran, Paulo Afonso do Prado, Samela Estéfany Francisco Faria, Thalles Azevedo Ladeira, Tiago Afonso Sentinelli e Waldyr Barcellos Junior, problematiza precisamente o que a pandemia da Covid-19 tem possibilitado desocultar: as desigualdades e a precarização dos trabalho docente e da Educação no Brasil.

O nono trabalho, **“Para onde vai o direito à educação em tempos de pandemia”** de autoria de Maria Abádia da Silva e Edileuza Fernandes Silva, desafia-nos a refletir sobre o ensino à distância e sobre o direito à Educação. As autoras referem que neste contexto o ensino à distância favorece os setores privados da educação e da tecnologia, além de trazer obstáculos ao direito à educação, e por consequência às aprendizagens dos/as estudantes.

O décimo texto da edição temática, **“Inquietações sobre educação e democracia em tempos de pandemia”**, é de autoria de Esmael Alves de Oliveira, Aguinaldo Rodrigues Gomes, Tatiane Pereira Muniz e Jorge Augusto de Jesus Silva. A partir de uma análise transdisciplinar envolvendo marcadores sociais de diferença, o trabalho é voltado a refletir sobre as dimensões político-sociais no contexto pandêmico brasileiro. A partir de reflexões ancoradas em autoras/es como Arendt, Santos, Agamben e Mbembe, argumentou-se que a pandemia da COVID-19 expõe ainda mais a faceta racista, sexista e autoritária no Brasil.

O próximo trabalho, escrito por Carla Chagas Ramalho, é intitulado **“Educação democrática em tempos pandêmicos”**. Nele, a autora, embasada em ideais e princípios histórico-críticos, argumenta sobre a importância da educação escolarizada para a democracia em tempos de pandemia. A partir de uma pesquisa bibliográfica de estudos sobre educação, conclui-se que há a necessidade de uma pedagogia que crie conscientização de classe na busca por maiores transformações para a sociedade.

Em seguida, o trabalho **“O discurso xenófobo e a geopolítica mundial: desdobramentos analíticos, olhares educacionais e interfaces possíveis”**, escrito por Rafael Teixeira de Paula Lima e Joyce Pedra de Paula Lima, parte do entendimento de que antigos paradigmas comunicacionais, reconfigurados pela emergência e popularidade das redes sociais, faz com que a política adquira novos contornos e facetas. Neste contexto, as *fake news* e a xenofobia desencadeiam problemas sérios à diplomacia nacional, por isso há a necessidade de se debruçar analiticamente sobre a conjunção desses fenômenos, que trazem implicações para a educação.

O décimo terceiro texto da edição temática é intitulado **“Aulas on-line em época de COVID-19 sob a ótica dos estudantes de graduação em pedagogia de uma instituição de ensino superior brasileira”**. De autoria de Ana Paula de Andrade Janz Elias, Beatriz Maria Zoppo, Dilmeire Sant’Anna Ramos Vosgerau e Heidegrid Siebert Koop, o trabalho investiga como estudantes de um curso de pedagogia que estudam na modalidade presencial estão vivenciando as aulas remotas durante o período da COVID-19. A pesquisa contou com a participação de 22 estudantes e percebeu que há dificuldades no uso das tecnologias digitais

durante as aulas remotas por se tratar de uma estratégia metodológica pouco adotada pelos professores no período pré-pandemia.

O trabalho **“Vulnerabilidade social e exclusão digital em tempos de pandemia: uma análise da desigualdade de acesso à internet na periferia de Curitiba”** é o próximo texto da edição. Escrito por Marcelo Nogueira de Souza e Lislaine Mara da Silva Guimarães, o texto buscou mapear algumas situações que indicam exclusão e vulnerabilidade social em Curitiba, analisando de forma comparativa como é o acesso à internet em bairros centrais e periféricos da referida cidade. Com a pandemia, vem ocorrendo seletividade social na medida em que a suspensão das aulas presenciais não permite que estudantes excluídos digitalmente usufruam da educação a distância.

Posteriormente, Cleyton Williams Golveia da Silva Brandão, Diego Aric Cerqueira Souza e Cruz e Telma Brito Rocha se propõem a analisar as *fake news* no Brasil no texto **“Fake news em tempos de COVID-19: discursos de ódio nas redes sociais como ressonância da desinformação”**. O trabalho apresenta uma discussão que abarca o negacionismo científico, a produção da desinformação e dos discursos de ódio na rede e os jogos de interesse políticos do governo brasileiro atual, propondo também alternativas educativas na busca pela prevenção de *fake news* no contexto pandêmico no Brasil.

Em seguida, Marcelle Medeiros Teixeira e Dilton Ribeiro Couto Junior também discutem *fake news* no texto **“Deu ruim na hashtag! Bots e pandemia de fake news em tempos de COVID-19: o caso #fechadocombolso(I)naro”**. O trabalho encontra-se disponibilizado em dois idiomas (português e espanhol) e é voltado para analisar a *hashtag* #FechadoComBolsolnaro, que sugere o uso de *bots* (robôs) pelo erro de digitação no sobrenome do presidente brasileiro. Em tempos de pandemia, o texto defende o uso dos *memes* como uma estratégia de resistência às *fake news*, entendendo que a desinformação produzida e compartilhada na rede, no lugar de questionar as políticas públicas de enfrentamento à pandemia, estariam sendo usadas para alavancar a popularidade do presidente e, conseqüentemente, comprometendo a democracia no Brasil.

O décimo sétimo texto da edição temática, **“A pedagogia do vírus: cotidianos e educações não presenciais”**, de autoria de Leonardo Nolasco-Silva, Vittorio Lo Bianco e Matheus Franco Delgado, reflete sobre as implicações da pedagogia do vírus para a educação em tempos de COVID-19, discutindo as ações institucionais, mercadológicas e políticas que buscam implementar estratégias voltadas para o ensino não presencial. Os autores analisam grupos e perfis de professores no Facebook, que discutem as iniciativas de ensino em tempos

de pandemia experimentadas pela Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro (Seeduc).

No texto **“Educação na primeira onda da COVID-19: as condições de trabalho docente na oferta de atividades pedagógicas não presenciais pela Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro”**, Regina Albuquerque realiza um estudo exploratório com professores que atuam no Ensino Médio. A proposta do texto é analisar as condições de trabalho docente durante a primeira onda da pandemia a partir do mapeamento das políticas da Rede Estadual de Educação do Rio de Janeiro na oferta de atividades educacionais remotas.

Em seguida, Felippie Anthonio Fediuk de Moraes e Glaucia da Silva Brito, no texto **“Alunos e a reconfiguração da presencialidade em tempos de cibercultura: análise de relatos em redes sociais sobre as dificuldades no ensino remoto em tempos de pandemia”**, analisam *memes* produzidos e compartilhados nas redes sociais Twitter e Instagram por estudantes da rede pública do Paraná sobre as aulas remotas. Com isso, a intenção foi conhecer as percepções desses estudantes sobre o ensino remoto, que vêm se mostrando desafiados em utilizar as tecnologias digitais nos processos educacionais em tempos de pandemia.

Esta Edição Especial também é composta por 5 relatos de experiência e 1 resenha. Partindo-se de teóricos da história da Educação e da obra *“Pedagogia do Oprimido”*, de Paulo Freire, o relato de experiência **“Educação a Distância no contexto da pandemia da covid-19: uma alternativa democrática ou segregadora?”**, de Jardel Delgado Marques, propõe reflexões sobre a Educação a Distância (EaD) em tempos de pandemia, com base na dicotomia da educação democrática *versus* segregadora, engendrada pela EaD na educação básica brasileira.

Já o texto **“Em tempos de pandemia, luz, câmera e ação para a educação online: do discurso à prática desejada”**, de Adriele da Silva Freitas Oliveira, Alessandra da Costa Abreu e Ana Paula da Silva Conceição Oliveira, que está disponível também na versão em espanhol, analisa três diretrizes educacionais de diferentes instituições de ensino localizadas no Estado do Rio de Janeiro, no intuito de entender como a Educação a Distância está sendo implementada durante a pandemia, tendo em vista as dificuldades orçamentárias e de acesso à internet que assolam boa parte das escolas brasileiras.

O terceiro relato, **“CEASM: a escola com partido”**, de Lourenço Cezar da Silva, tem como foco o Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré – CEASM, um espaço de educação não formal que há mais de 20 anos tem atuado na formação de ativistas de causas

sociais, na favela da Maré (RJ). Dessa forma, o texto tece reflexões acerca das estratégias de resistência do Centro frente à atual conjuntura de crise sanitária e política desencadeada pela pandemia.

Em **“O que podemos e devemos aprender sobre a pandemia como professores?”**, os autores Cristiano Mezzaroba e Hamilcar Silveira Dantas Júnior propõem reflexões com base em alguns materiais da mídia representativos para compreensão das questões políticas, educacionais, e também relacionadas à saúde e ao corpo na pandemia. Assim, a partir dos conceitos de experiência social e necropolítica, esses conteúdos midiáticos foram analisados com ênfase no aumento das desigualdades sociais e nas graves implicações sofridas na Educação devido à pandemia.

No quinto relato de experiência, cujo título é **“Diário da quarentena de uma professora da primeira infância: aproximações com Boaventura, Agamben e Krenak”**, a professora e autora Isabela Pereira Lopes nos conta sobre suas impressões, dificuldades e desafios impostos pela pandemia, a partir de sua experiência em uma escola de Educação Infantil onde atua. Para isso, o texto realiza um diálogo com Boaventura Souza Santos, Giorgio Agamben e Ailton Krenak que, durante este período, lançaram obras que nos instigaram a pensar sobre os impactos e aprendizados da pandemia.

Encerramos a Edição Especial com a **“Resenha do livro Retrotopía de Zygmunt Bauman”**, de Iván Gregorio Silva Miguel. Nela, o autor faz uma análise crítica e esmiuçada do livro “Retrotopía”, em que Bauman busca sistematizar os fracassos de algumas utopias da humanidade, assim como também propor caminhos para a produção de experiências que possam potencializar o senso coletivo e ações de resistências.

Desejamos a todas/os uma ótima leitura!

Referências

BRITO, Leandro Teofilo de; COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro. Performatizações dissidentes na escola: masculinidades precárias em discussão. *Periódicus*, Salvador, v. 1, n. 11, p. 284-302, maio/out. 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/2O8Pdn6>>. Acesso em: 29 jan. 2020.

CARRARA, Sérgio. As ciências humanas e sociais entre múltiplas epidemias. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, e300201, 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3j8wXrf>>. Acesso em: 27 set. 2020.

COUTO, Edvaldo; COUTO, Edilece Souza; CRUZ, Ingrid de Magalhães Porto. #Fiqueemcasa: educação na pandemia da COVID-19. *Interfaces Científicas – Educação*, Aracaju, v. 8, n. 3, p. 200-217, 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/35ZS4X8>>. Acesso: 15 maio 2020.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; AMARO, Ivan; TEIXEIRA, Marcelle Medeiros; RUANI, Ruann Moutinho. Do face a face às dinâmicas comunicacionais em/na rede: a conversa online como procedimento metodológico da pesquisa em educação. *Revista Educação em Foco*, Juiz de Fora, v. 25, n. 1, p. 109-130, jan./abr. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/35womZD>>. Acesso em: 16 jun. 2020.

hooks, bell. Intelectuais negras. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 464-478, 1995. Disponível em: <<https://bit.ly/31Vxs9c>>. Acesso em: 19 out. 2020.

KOHAN, Walter Omar. Tempos da escola em tempo de pandemia e necropolítica. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v. 15, e2016212, p. 1-9, 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/388Jhn1>>. Acesso em: 28 jun. 2020.

LEMOS, André; LÉVY, Pierre. *O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária*. São Paulo: Paulus, 2010.

MISKOLCI, Richard; PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Quem tem medo de Judith Butler? A cruzada moral contra os direitos humanos no Brasil. *Cadernos Pagu*, v. 53, 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/2P5u4g7>>. Acesso em: 1 nov. 2018.

SANTOS, Boaventura de Souza. *A cruel pedagogia do vírus*. Coimbra: Almedina, 2020.

SANTOS, Rosemary; SANTOS, Edméa; COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro. Grupos de pesquisa online na formação de professores pesquisadores: produzindo conhecimento na cibercultura. *RE@D - Revista de Educação a Distância e Elearning*, Lisboa, v. 3, n. 1, p. 6-18, mar/abr. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3eTv3J3>>. Acesso em: 1 jul. 2020.

VELLOSO, Luciana. Ler é um ato político: multiletramentos em contexto de censura literária. *Interfaces Científicas – Educação*, Aracaju, v. 8, n. 2, p. 271-284, mar. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/2xWOfF8>>. Acesso em: 24 mar. 2020.

ⁱ Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (FE/USP) e professor do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDUC) e da graduação em Pedagogia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). É líder do LEGESEX - Laboratório de Estudos de Gênero, Educação e Sexualidades (UFRRJ/CNPq). Rio de Janeiro, RJ, Brasil E-mail: ufrjonas@gmail.com / ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7809-5164>.

ⁱⁱ Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPEd) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professor Adjunto no Departamento de Estudos Aplicados ao Ensino (DEAE) da Faculdade de Educação da UERJ. Também atua como docente no Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas (PPGECC) da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense da UERJ. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: junnior_2003@yahoo.com.br / ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5221-7135>.

ⁱⁱⁱ Doutora em Psicologia pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP) e Investigadora/Pesquisadora Integrada do Centro de Psicologia da Universidade do Porto, da FPCEUP. É membro do Grupo de Pesquisa “Diversidade, Gênero e Sexualidades” (FPCEUP). Porto, Portugal. E-mail: frodrigues.liliana@gmail.com / lrodrigues@fpce.up.pt / ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6900-9634>